

Princípio de Nirvana: sintoma de mudança de terreno no itinerário de Freud?

Walter José Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: walter_evangelista@yahoo.com.br

Resumo: Se o estudo do deslocamento de Freud do princípio de inércia (1895) ao princípio de constância (1920) é conhecido, a *oscilação* entre este último e um princípio de Nirvana, correlativos ao impacto destabilizador causado pela irrupção do conceito de pulsão de morte, passa quase despercebido. Essa oscilação entre constância e nirvana é *sintoma* da tensão existente entre a inicial e questionável biologia fisicalista e um *outro terreno* (o misterioso Oriente e sua cultura). A análise desse *sintoma* *poderá* fazer-nos avançar pela consideração de um aspecto quase inexplorado no itinerário de Freud: sua patente transferência ao otimista Romain Rolland, sujeito-suposto-saber desse *outro terreno* no qual se encontra a raiz do delivramento conotado pelo Nirvana.

Palavras-chave: filosofia e metapsicologia; materialismo aleatório e metapsicologia; transferência; repetição; pulsão de morte; princípio de Nirvana; história epistemológica da psicanálise.

Abstract: Freud's displacement from the Principle of Inertia (1895) to the Principle of Constance (1920) study is well known. However, it went almost unnoticed the oscillation between the latter and the Nirvana Principle, correlative to the destabilizing impact caused by the surge of the death pulsion concept. This oscillation between constance and nirvana is the symptom of the existing tension between the initial and disputable "physicalist" biology and another ground (the mysterious Orient and its culture). The analysis of this symptom can help us to move forward to an almost unexplored aspect in Freud's itinerary: its obvious transference to the optimist Romain Rolland,

subject supposed to know of this other ground in which we can find the roots of the deliverance connoted by the Nirvana.

Key-words: philosophy and metapsychology; aleatory materialism and metapsychology; transference; repetition; death instincts; Nirvana principle; epistemological history of the psychoanalysis.

Introdução

Filosofia e psicanálise: por uma história epistemológica da psicanálise

Uma reflexão filosófica que recuse a tarefa de busca do fundamento do conhecimento científico – por existir, nessa tarefa, a dominância da tendência idealista para a qual o pensar antecederia o ser – abre espaço para uma outra perspectiva sobre a parceria entre filosofia e outros campos do conhecimento, necessária para a pesquisa: aquela que, partindo da tese do primado do ser sobre o pensar e da objetividade do conhecimento, toma posição pelo *materialismo*.

Essa afirmação extremamente geral pode ser precisada quando se considera nosso tema: filosofia e psicanálise. Na profusão bibliográfica atual sobre o assunto, podemos entrever uma linha de força que procura se dar conta do encontro entre psicanálise e filosofia com base na referida recusa do idealismo, pensando-o no campo de um *materialismo aleatório* – figura atual da prática filosófica materialista que procura substituir criticamente os avatares do idealismo representados, sobretudo, pelos materialismos racionalistas, dentre os quais se destaca o materialismo dialético. Um projeto filosófico-científico original consistiria, então, no horizonte de uma “teoria das condições e das formas da prática científica e de sua história nas diferentes ciências concretas”, estudar as “condições materiais, sociais, políticas, ideológicas e filosóficas dos ‘modos de produção’ [...] dos conhecimentos existentes” (Althusser 1978, p. 95) e, para o que aqui nos importa, considerar o surgimento da psicanálise. Chamemos esse programa, por comodidade, de *história epistemológica da psicanálise*,

HEP. Nele teríamos, orientados pela tese filosófica materialista, o encontro crítico e produtivo dessa teoria (finita, não-filosófica, incipiente possível disciplina do materialismo histórico) com o descobrimento de Freud. A HEP será demarcada de outras pesquisas na medida em que trabalha com o *conceito fundamental de ideologia*, tornado possível pela problemática da *Crítica da economia política* de Marx, a qual inaugurou essa nova figura de cientificidade.

Parece que será somente graças a ela que se poderá entrever o trágico mecanismo da suspensão de sentido que nos domina atualmente; ou seja, como escreveu lapidarmente Jean-Luc Nancy, o fato de

[...] que nosso mundo torna-se capaz de não importa o que na medida em que ele não tem nenhuma outra coisa para compreender-se a si próprio a não ser a equivalência geral – ou seja, o dinheiro – combinada com as finalidades auto-reprodutoras – ou seja a técnica: em resumo, tudo se equivale e nada conduz a nada. (2005)

Quanto ao descobrimento de Freud – qual seja, o sujeito de um desejo inconsciente –, essa história epistemológica da psicanálise (HEP) tem de levar em conta as condições específicas de produção da teoria do inconsciente e, dentre estas condições materiais, surge o *trabalho sobre a transferência* como *conditio sine qua non* da teorização em psicanálise.¹ O próprio *conceito fundamental*, incontornável – *Übertragung, a transferência* –, foi elaborado em decorrência desse trabalho. Condição material? Para disso se convencer, basta considerar a materialidade do significante explicitada por Lacan.

Essa tríplice articulação entre uma *posição* filosófica, uma *finita* teoria da história das ciências e uma igualmente *finita* teoria do sujeito do desejo inconsciente é a única porta para que se possa entrar com um preconceito favorável à compreensão dos *elementos de pesquisa* que passaremos a expor.

¹ Devo a François Roustang essa tese sobre a teorização em psicanálise como, essencialmente, um trabalho preso ao problema da resolução da transferência. Destaco o decisivo *Un destin si funeste*, Roustang 1976.

Na vastidão do tema Filosofia e Psicanálise, Freud oferece-nos uma perspectiva para uma maior precisão quando se refere à sua metapsicologia, nos fins do século XIX, dizendo que com ela ele poderia, ao passar da medicina à psicologia, realizar seu antigo desejo de dedicar-se ao conhecimento filosófico. Tomemos esse fio condutor: falemos de filosofia e metapsicologia.

Filosofia – nela tomemos partido pela tradição materialista, a qual nos serve de guia desde que aprendemos, com Marx, que não é a consciência que determina a vida, mas, sim, a vida que determina a consciência. Uma filosofia marxista?

Em meados dos anos 60, mergulhamos de corpo e alma, sequiosos, na miragem das águas cristalinas de um oásis, no deserto da filosofia marxista – águas que prometiam um recomeço do materialismo dialético transmutado em epistemologia geral, teoria das práticas teóricas, que nos ofereceria o conceito de corte epistemológico. Esse momento marcou a história da psicanálise, na medida em que foi um dos ingredientes decisivos para o encontro entre Louis Althusser e Jacques Lacan, cujas marcas se encontram, por exemplo, na estruturação dos *Écrits*. Reconhecida a miragem, metabolizada a autocrítica de desvio teorístico, o que é que uma filosofia materialista, atenta ao descobrimento de Marx quanto aos mecanismos da exploração capitalista, pode nos oferecer hoje?

Do fundo da noite e no pesado silêncio em que Louis Althusser e sua obra foram confinados pela brutal forclusão que sobre eles se abateu, pode-se, contudo, perceber um murmúrio vigoroso: há uma corrente materialista subterrânea – um materialismo aleatório, materialismo do encontro. Para nos darmos conta dessa corrente, será preciso nos desvencilhar do idealismo, desconstruindo o racionalismo materialista de Marx. A corrente subterrânea do materialismo deverá se dar conta de suas fundamentais parcerias: Demócrito, Epicuro, Maquiavel, Hobbes, Rousseau, Marx e Heidegger.

Nesse novo espaço de contingência onde reina o aleatório, tentemos nos dar conta do encontro entre filosofia materialista e metapsicologia.

O nominalismo é a porta de entrada no materialismo. Para assumi-lo, será, pois, preciso, com base na tese segundo a qual há um primado do ser sobre o pensar, distinguir o objeto real do objeto-de-conhecimento. Este último é construído, produzido. Partindo daí, ver-se-á a metapsicologia como a construção de um objeto-de-conhecimento. Será preciso igualmente começar da tese que afirma a objetividade do conhecimento, pois, como queria Espinoza, *vero index sui et falsi*. As teses materialistas não nos dão nenhum conhecimento, sendo tão-somente teses para um conhecimento.

Mas o encontro entre filosofia materialista e metapsicologia pode dar conta da presença de mais um personagem: uma teoria das formas de luta de classes em formações sociais determinadas ou materialismo histórico, capaz de nos oferecer o conceito de ideologia em geral e, sobretudo, de ideologia científica formulado por Canguilhem.

Tomemos nosso fio condutor: a metapsicologia.

A metapsicologia e o ponto de vista econômico

A construção metapsicológica de Freud, do ponto de vista econômico, desembocou numa formulação ambígua, na qual um princípio de constância homogeneizava constância, diminuição e redução a zero. Essa ambigüidade se agravou com a introdução da pulsão de morte.

O que é metapsicologia

Freud chegou a acreditar que a metapsicologia traduziria a metafísica, ou seja, dela faria uma crítica e seria a sua verdade (1901, p. 277). Em outras palavras, seria uma crítica da metafísica. Essa crítica da metafísica é um importante aliado, caso se pretenda desobstruir o caminho para se desfazer o esquecimento do ser e criticar o idealismo contido no materialismo racionalista, responsável pelas ilusões que fizeram tantos

estragos no projeto de uma filosofia capaz de estar à altura da crítica da economia política feita por Marx.

Do ponto de vista de uma HEP, ver-se-á que o descobrimento de Freud se deu no interior de uma prática, de uma experimentação clínica específica. Com ela surgiu – entre aqueles que continuaram envolvidos por esse tipo de atividade e que são, de um modo geral, denominados psicanalistas – um movimento específico de teorização, o qual funciona efetivamente muito mais como um trabalho sob a transferência (*Übertragung*), uma tentativa de resolução da transferência, do que propriamente como um trabalho produtor de uma teoria científica objetiva e acabada, como, de um modo geral, pretendem as ciências positivas; e muito menos se deixando confundir com mais uma visão de mundo a ser divulgada e proposta aos homens, como fazem as ideologias. Essa teorização, uma vez efetuada, irá fornecer uma espécie de rede capaz de captar o dispositivo fantasmático de cada um que a isso se dedique, tornando possível um reordenamento: um engate entre conceito e fantasma. Logo, a teoria, em psicanálise, longe de ser um sistema acabado, fechado e definitivo, é muito mais um meio de produção, um pretexto.

No entanto, como ocorre necessariamente com qualquer experimentação científica, há uma dimensão propriamente teórica (logo, válida universalmente) nessa experiência e que Freud denominou *metapsicologia*. Ou seja, somos levados a admitir a irrupção de algum *conceito* fundamental, resultante de uma *problemática* que inaugura a estrutura de certo modelo *conceitual*, que constrói um *objeto-de-conhecimento distinto do objeto-real*. Uma generalidade ou ficção, como chegou a dizer o próprio Freud. Isso se quisermos ir além das justaposições ideológicas e realmente *pensar* uma articulação entre psicanálise e cientificidade.

Chegamos, assim, num ponto nodal da relação entre psicanálise e filosofia. Caso se admita que não exista ciência da ciência – pressuposto filosófico fundamental de uma HEP –, a conseqüência será que o termo geral “a Ciência” perde estabilidade, tornando-se apenas uma generalidade indicativa de certo domínio, essencialmente dinâmico porque compatível

com a vida das ciências concretamente existentes e aberto ao surgimento de novas formas de cientificidade.

Althusser introduziu a categoria filosófica “o científico” em substituição à noção “a Ciência”, desgastada e perigosa figura ideológica positivista. É esse o sentido do termo “história”, na medida em que se deixa qualificar como “epistemológica” na expressão proposta: HEP. Em outros termos, é o surgimento de uma ciência nova que reestrutura o campo do científico, alterando a idéia geral de ciência e não o contrário. Sendo assim, o que está em jogo na relação entre filosofia e psicanálise é a idéia de ciência. Indo diretamente ao que aqui nos interessa, existem duas possibilidades.

Na primeira, admitimos que uma determinada forma de manejo da transferência (*Übertragung*) possa ser condição de produção de certa teoria, cuja forma de objetividade ou universalidade deverá ser redefinida como rede de captação do dispositivo fantasmático do sujeito. Há, nesse caso, uma originalidade do estatuto epistemológico do sujeito em psicanálise. Originalidade porque ele, enquanto *sujeito da transferência*,² vê-se incluído na ciência. Em consequência, será preciso reformular a idéia de ciência e encarar o surgimento de uma nova figura da velha relação entre o mito e o conceito, que se manifesta, agora, no filosofema constituído pelo engate entre *fantasma* e *conceito*, *essência da teorização em psicanálise*.

A segunda possibilidade será levar a prática psicanalítica a abrir mão de qualquer pretensão mais forte a uma objetividade capaz de acenar-lhe com a esperança de um sentido minimamente autônomo em relação àquele que parecemos estar condenados, inexoravelmente, segundo as flutuações do mercado – o equivalente geral: o dinheiro.

² Será preciso explicitar uma série de termos ligados ao termo “sujeito”. Os principais seriam: sujeito-do-inconsciente, sujeito-do-desejo-inconsciente, sujeito-da-pulsão, sujeito-da-transferência. Se partirmos do termo sujeito, devemos, inicialmente, distinguir as várias acepções por entre as quais navegou Lacan a partir de 1945: sujeito cartesiano da certeza, sujeito abolido da ciência, sujeito da auto-afirmação, sujeito absoluto hegeliano, etc. (Mijolla 2002, DIP2, p. 1821).

A tradição althussero-lacaniana, inscrevendo-se na primeira dessas possibilidades, sobrevive aos riscos de um combate encarniçado e, tendo criticado a epistemologia geral pelo materialismo aleatório, oferece uma perspectiva, alguns resultados e uma respeitável bibliografia. Trata-se, tanto de direito quanto de fato, de uma teoria inacabada. De um movimento de teorização. E isso, Freud, à sua maneira, parecia entrever, sem se dar muito bem conta: por exemplo, em seu “Estudo autobiográfico” de 1924, ele escrevia:

Tive por diversas vezes a oportunidade de ouvir dizer em tom desdenhoso que não se podia fazer caso de uma ciência cujos conceitos supremos eram tão vagos quanto os de libido e pulsão em psicanálise [...] Nas ciências da natureza, das quais a psicologia faz parte, tal clareza dos conceitos supremos é supérflua, até mesmo impossível. (Citado por Mijolla 2002, DIP1, p. 1086)

Seja lá como for, em 1915, Freud nos diz “Proponho que, quando tivermos conseguido descrever um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, topográfico e econômico, passemos a nos referir a isso como uma apresentação metapsicológica” (1915a, p. 208).

O que é ponto de vista econômico

Admite-se geralmente que a metapsicologia surgiu como um resultado do trabalho feito no espaço transferencial Freud-Fliess. Em 23 de maio de 1897, o criador da psicanálise confidenciava ao amigo: “Duas ambições me devoram: descobrir qual forma assume a teoria do funcionamento mental, quando nele se introduz a noção de quantidade, uma espécie de economia das forças nervosas...”.³ Como veremos no decorrer deste artigo, essa ambição de Freud irá desaguar numa obscura equação e a tentativa de pensar essa dificuldade leva-o a falar em princípio de Nirvana, apesar do peso da ideologia fisicalista-cientificista vigente e de outros preconceitos.

3 Citado por Jones 1953-1957, p. 381. Cf. Freud 1895.

Ambigüidades do ponto de vista econômico

Logo, como se pode ver, o ponto de vista econômico é, em Freud, desde o início, tão fundamental quanto difícil de ser definido. A intuição geral é bastante clara: existe um processo psíquico no qual uma energia circula. Energia é um conceito-chave. Em sua extrema generalidade, pode significar uma força ou capacidade de produzir um efeito. Mas, a partir daqui, os termos se multiplicam. Energia cinética e energia potencial; força viva e força morta. Com o princípio de conservação da energia, há uma equivalência entre energia e calor. E o conceito de energia extrapola o mecânico.

Do ponto de vista de uma ciência da natureza, de uma física, temos um corpo conceitual relativamente estável: matéria, força, energia, etc. Freud é materialista, mas isso não deve significar que, para ele, seria o *conceito científico de matéria* que assumiria o lugar do absoluto. Aqui a distinção entre ciência e filosofia, a distinção entre *conceito científico* e *categoria filosófica*, é essencial para prevenir esse equívoco. Em física, por exemplo, a oposição entre matéria e energia, depois da teoria da relatividade e da mecânica quântica, perde seu significado, cedendo lugar para a noção de densidade de campo; o termo “matéria” perde de tal forma sua clareza que se chegou a dizer – como uma forma de provocação aos “materialistas” – que ela teria desaparecido.

Sendo assim, o que Freud se empenha em fazer é construir o conceito da *sua matéria*. O ponto de partida é, como vimos, a excitação. Ou, talvez, ainda, mais remotamente, o esquema estímulo-resposta. E Freud vai da energia de inervação do neurônio, que está presente em seu primeiríssimo modelo do aparelho psíquico, até, finalmente, a energia pulsional. Como chegou a isso? A hipótese fundamental é que todos os processos psíquicos implicam uma circulação e repartição de uma energia psíquica. Energia quantificável susceptível de aumento ou de diminuição. É o que Freud chama de ponto de vista econômico.

Essa energia aparece sob a forma de excitação. Qual seria a natureza dessa energia? Freud teve de aceitar a impossibilidade de responder a essa questão. Como, em Física, não se trata de poder dizer qual é a natureza da energia, mas, sim, suas formas de aparição e transformação, sua experiência lhe ensina que cabe distinguir entre *externo* e *interno*. Trata-se de algo radicalmente original: uma excitação endógena ou pulsão constitutiva de um espaço específico – um mundo interno, uma realidade psíquica. Essa realidade interna ganhará ainda maior especificidade quando, mais tarde, com Lacan, por exemplo, construir-se-á uma teoria da formação do “Je”, na qual se evidencia claramente que essa energia não é concebida sem a função do “outro”. Restemos, contudo, em Freud. O campo econômico será, então, ocupado pelo *grundbegriff* chave que é o de “pulsão”: tratar-se-á, pois, de acompanhar os destinos de uma energia pulsional.

Destino de energia ou circulação de valores?

Falar de uma energia pulsional é falar de algo radicalmente novo. Não basta mais a noção puramente biológica de instinto. Surge um “dentro”, uma interioridade, e, nesta, a noção de “energia” é apenas indicativa de algo que move, que indica um efeito. Diferente do objeto da física, encontramos uma primeira especificidade: o orgânico, a vida. E, com este, a noção de *umwelt*, de ambiente, é importante: o vivente pode se mover não tanto apenas mecanicamente, mas em função de um valor. Essa perspectiva irá atingir seus extremos quando Lacan, bem mais tarde, irá propor substituir o energetismo freudiano pela economia política.

Inércia e constância

A metapsicologia é feita de *grundbegriffe* e estes, como nos explica Freud em 1915 (*Pulsões e seus destinos*), resulta do trabalho de transformação de idéias abstratas. Para o que aqui nos interessa, o essencial é que não se

perca de vista que tal transformação se faz porque as *idéias abstratas* funcionam numa experimentação específica da psicanálise, a qual consiste no trabalho de resolução da transferência. Além dos conceitos fundamentais ou articulando-os, também fazem parte da metapsicologia os princípios. Que vem a ser, para Freud, princípio? Ele não nos fornece uma definição. A plataforma epistemológica de 1915 já nos advertia de que Freud se recusava a pensar a sua ciência como uma axiomática. No entanto, para ordenar a descrição do aparelho construído por Freud, serão necessárias hipóteses, postulados, pontos de referência. Serão, assim, formulados, os princípios de inércia neuronal, princípio de prazer-desprazer, o princípio de realidade, princípio de constância e, finalmente, o que mais nos interessa aqui: o princípio de Nirvana. Freud não nos ofereceu uma visão sistemática capaz de coordenar entre si os vários princípios afirmados, restando, pois, uma significativa tarefa, tanto histórica, quanto sistemática ou epistemológica, a ser feita. É nessa direção que o presente texto gostaria de se inscrever.

Não se pode dizer que há uma clareza quanto aos princípios. E as dificuldades começam com o princípio de inércia neuronal. Descartes dera uma primeira formulação da idéia de inércia que será posteriormente retomada por Newton, tornando-se o primeiro princípio da dinâmica: “cada coisa continua no mesmo estado enquanto pode e só o muda quando se encontra com outras coisas” (Descartes 1953, p. 633, segunda parte, § 37). No entanto, o princípio de inércia neuronal afirmado por Freud irá beber de outras fontes. Ele irá apelar, em 1895, no Projeto, para um princípio de inércia neuronal. Estamos aqui em um ponto nevralgico em que se exprime o descobrimento de Freud: há uma tendência à descarga que parece decorrer do seu ponto de partida. Com efeito, ele começa a lidar com o arco reflexo e, para assegurar uma base científica para sua prática, irá pensar os mecanismos psíquicos, pelo menos no início, sob o modelo do reflexo. A inércia neuronal parece ser o modelo mais primitivo do inconsciente enquanto descargas livres. Esse modelo primitivo está em busca de uma formulação precisa. O apelo à inércia só pode aparecer

como uma busca de apoio, de legitimidade, que seria conseguida graças ao prestígio de uma ciência.

Com efeito, a lei de inércia da física não recobre, de modo algum, o sentido que é aqui empregado por Freud. Inércia, em Física, exprime o fato de que “um ponto livre de qualquer ligação mecânica e não sofrendo nenhuma ação conserva indefinidamente a mesma velocidade tanto em grandeza quanto em direção”. E a inércia neuronal de Freud é uma tendência ativa do sistema – os neurônios tenderiam a desvencilhar-se da quantidade de energia.

Um pouco mais adiante, o psicanalista irá explicitar algo que já se encontrava implícito aqui: uma lei de constância. Como foi que isso se deu? Não é toda a energia que é descarregada. Existem neurônios que vão manter certa carga. Há uma lei de constância que se contrapõe à lei de inércia. Aqui o descobrimento de Freud se debate em busca de uma linguagem, de uma conceituação. Uma energia é mantida, e ela se explica, mesmo que seja em parte, pelo princípio de prazer. Com isso, o modelo de partida, que era puramente mecânico, deixa-se secundar por misterioso finalismo. É o nascimento do modelo do aparelho psíquico com base na neurofisiologia. Essa passagem se torna incompreensível se não se explicita a busca de apoio, por parte de Freud, no modelo de Fechner. E aqui vamos encontrar um aspecto importante para a lógica desta exposição, que será explicitada daqui a pouco: o itinerário transferencial de Freud sempre se fez em relação a certo misticismo. Aqui, em ocorrência com o de Fechner.

Fechner (1801-1887) passa por profunda crise mística que desemboca numa neurose criativa (F. Ellemberger). Médico, biólogo, físico e finalmente filósofo, ele formula um princípio que rivalizaria com as leis de Newton: o princípio de prazer. Ele o fez partindo da convicção de que a terra seria um ser vivo e dotado de uma alma imortal, a qual poderia ser entrevista experimentalmente, levando em conta o princípio de conservação ou estabilidade da energia que teria sido formulado por Meyer e Helmholtz. Foi nesse horizonte que Freud formulou o princípio

do prazer/desprazer, o qual pressupõe o princípio de constância e que, finalmente, foi retomado de Fechner.

Assim, do ponto de vista econômico, o aparelho psíquico seria regido por um princípio, senão contraditório, pelo menos impreciso: uma tendência seja à descarga, seja à diminuição, seja à constância da sua carga energética.

Introdução do princípio de Nirvana

Repetição e morte

Lacan chega a afirmar que a *repetição* é a novidade de Freud, colocando-a como um dos conceitos fundamentais da psicanálise. Ela é um traço essencial do inconsciente. Ela não é nem patológica nem acidental. É estrutural. É constituinte e constituidora do sujeito. Resulta do fracasso da tentativa de reencontrar *Das Ding*, o traço unário. O conceito encontra-se implícito desde o projeto de 1895, quando Freud fala de uma *Bahnung*, de uma *facilitação* que é, finalmente, uma forma de repetição: tem-se sempre a tendência de percorrer um caminho que já foi percorrido. Há uma insistência em reencontrar o objeto perdido. O drama é que, para falarmos com a linguagem de Freud, buscamos *Das Ding*, aquela da experiência de satisfação, e só podemos encontrar *Die Sache*, ou seja, seus substitutos. Isso é a alma da repetição. “O que não aconteceu da maneira que teria sido conforme o desejo é anulado por sua repetição sob outra forma, a isso se acrescentam então todos os motivos para insistir nessas repetições”.⁴ *Widerholungszwang* irá evidenciar um limite ao princípio do prazer.

Cortemos ao mais curto e falemos do essencial: por volta de 1920, Freud confrontou-se com a morte de modo particularmente intenso e, em

⁴ Freud em “Inibições, sintomas e angústia”, citado por E. L. André de Souza no verbete “Repetição, compulsão à” do *Dicionário enciclopédico de psicanálise*, editado por Kaufmann 1996, p. 451.

face da incontornável constatação do fato da repetição, é levado a ter de repensar, entre outras coisas, sua teoria econômica.

Se for verdade que ele se confrontou desde sua infância com o trauma da morte, na medida em que teve, por exemplo, de metabolizar os sentimentos de inveja e os votos de morte em direção a seu irmão, nascido quando ainda não tinha dois anos e sua morte real, no entanto, não é possível ignorar o quanto, por volta de 1920, ele irá se confrontar de modo tão brutal quanto incontornável com a presença desse limite. Ele tornou-se presente: Guerra de 14-18, gripe espanhola com seus 50 milhões de mortos, morte de seu neto e de seu irmão. O tema da pulsão de morte e seu desfecho se impuseram.

Assim, os últimos anos da vida de Freud – do final dos anos 20 até o final dos 30 – foram marcados por uma presença maciça da morte: da guerra de 14 ao conflito que se inicia em 39, percorrido pela subida do nazismo. E, ainda, a correspondência de Freud com Romain Rolland coincide com o descobrimento do câncer que acabaria por devorar Freud. É a presença palpável da finitude, da morte, do limite.

Não seria inadequado pensar que esse tema é uma espécie de sinônimo de inconsciente. Não seria exagerado supor que a morte é algo recalçado que resiste, portanto, à conceituação, à simbolização, à reflexão. Daí o enorme mérito de Freud por ter afrontado esse problema. Do ponto de vista mais exclusivamente teórico, o tema se tornará presente em *Além do princípio do prazer*. Esse texto marca uma reviravolta; nosso psicanalista aí introduz um conceito capaz de pensar a realidade que se impunha: a pulsão de morte. Numa palavra, ela exprime uma tendência fundamental de todo ser vivo a retornar a um estado inorgânico. Mas ela representa algo novo na reflexão freudiana. Clinicamente, um fato se impunha à teorização freudiana: o da repetição, que se fazia presente além do princípio do prazer. Por outro lado, a ambivalência, a agressividade e a raiva dificilmente poderiam ser explicadas por outras pulsões.

Desde então, afirma-se um novo dualismo pulsional: pulsão de vida e pulsão de morte, que parecem correlativos de outros dualismos,

tais como assimilação-desassimilação, atração-repulsão. Especulativo, Freud inscreve seu materialismo na tradição que começa por Empédocles e passa por Schopenhauer.

Princípio de Nirvana: o nirvana e a questão da natureza da energia psíquica

Mas, para o que aqui mais nos interessa, importa observar como a introdução da pulsão morte irá refletir na dimensão econômica que nos serve de fio condutor. Freud havia chegado à formulação segundo a qual: “A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos...” (1920, p. 71).

A partir de então, como pensar a pulsão de morte? Sob o impacto do tema da repetição, Freud chega a falar de um retorno ao inorgânico, à não-vida; ao inorgânico que antecedeu a vida. Chegamos, finalmente, ao ponto que mais nos interessa. A formulação da tendência dominante da vida mental encerra uma ambigüidade, uma dificuldade. Manter constante, reduzir e chegar a zero não são idênticos. Por outro lado, colocada a pulsão de morte, Freud não abre mão do princípio do prazer e tenta uma articulação. Ora, é nessa altura que o texto continua pela abertura de um parêntese – evasivo, enigmático e sucinto – e que, ao que parece, ainda pode nos reservar surpresas em sua interpretação. Ei-lo:

(o “princípio do Nirvana”, para tomar de empréstimo uma expressão de Barbara Low [1920]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer,⁵ e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte. (Freud 1920, p. 71)

⁵ Barbara Low 1877-1955 (Londres). Numa carta escrita em inglês e endereçada a essa psicanalista, Freud fala da morte de seu cunhado judeu, o Doutor David Eder 1866-1936: “minha idade me dá o direito de manter relações particulares com a morte” (1873-1939b, p. 466).

Surge, pois, mais um princípio, que irá somar-se ao princípio de prazer-desprazer, princípio de realidade, princípio de inércia e de constância.

Da termodinâmica ao Nirvana

Podemos seguir um fio condutor bastante rico que parte da ambição inicial confessada por Freud: “Duas ambições me devoram: descobrir qual forma assume a teoria do funcionamento mental, quando nele se introduz a noção de quantidade, uma espécie de economia das forças nervosas...”⁶

Ao construir o aparelho neuronal, Freud afirma que existe nele uma circulação de energia na medida em que os neurônios são submetidos a um princípio de inércia neuronal. De onde vem esse princípio? Algo se esclarece quando consideramos a influência do pai da psicofísica, Gustav Theodor Fechner, na obra de Freud. Com Fechner, o ideal de quantificação se precisa: “a sensação é igual ao logaritmo da excitação”, propõe o médico-filósofo, tomando de empréstimo a lei de Weber. Para Fechner, o mundo tem uma alma e a nossa nada mais seria senão partes dessa divina alma do mundo. Essa energia e sua quantificação exigem, de toda evidência, certa constância. Ora, com a pulsão de morte, essa quantificação e essa constância parecem chegar a um ponto crítico de insuficiência e obscuridade. O que parece fundamental observar é que, enquanto inércia-constância, mesmo que de forma pouco clara, irá fundar-se na termodinâmica, portanto, no que existe de mais respeitável no campo da cientificidade reconhecida na época; Nirvana, por seu lado, corre o risco de apontar para os mistérios do Oriente. O termo é inteiramente novo em Freud. Com ele, Freud tenta pensar o destino dessa forma nova

⁶ Citado por Jones 1953-1957, p. 381. Cf. Freud 1895.

de energia que é a do psiquismo e, mais ainda, pensar esse destino diante do problema da morte. Morte de quê? De quem?

O problema que estamos tentando colocar perderia toda sua força caso pensássemos, como Freud chega quase a induzir, que se trata de um princípio accidental. Em 1924, em *O Problema econômico do masoquismo*, o psicanalista retoma, corrige e reafirma o princípio:

Seja como for, temos de perceber que o princípio de Nirvana, pertencendo, como pertence, ao instinto de morte, experimentou nos organismos vivos uma modificação através da qual se tornou o princípio de prazer, e doravante evitaremos encarar os dois princípios como um só. Se nos preocupamos em acompanhar essa linha de pensamento, não é difícil imaginar a força que foi a fonte da modificação. Ela só pode ser o instinto de vida, a libido, que assim, lado a lado com o instinto de morte, apoderou-se de uma cota na regulação dos processos da vida. Assim, obtemos um conjunto de vinculações pequeno, mas interessante. O princípio de Nirvana expressa a tendência do instinto de morte; o princípio de prazer representa as exigências da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de realidade, representa a influência do mundo externo. (1924, p. 288)

Esse texto traz precisões importantes. Em primeiro lugar, quando admitimos que Freud, diante do novo dualismo pulsional – vida e morte –, afirma claramente e até o fim uma prevalência da pulsão de morte, temos de levar em conta que o princípio de Nirvana irá ocupar uma posição de grande relevo. Ele representa, pertence ou exprime (*zugehörig*) a pulsão de morte. Logo, representa aquilo que há de mais primordial na construção freudiana, sendo, de certa forma, inclusive, anterior ao princípio de prazer que é, segundo Freud, uma transformação do princípio de Nirvana. Nessa direção, é princípio primeiro! Mas, que princípio é esse? Partamos da formulação de Bárbara Low:

É possível que mais fundo do que o princípio de prazer exista o princípio de Nirvana, como pode ser chamado – o desejo do recém-nascido de retornar ao estágio de onipotência, no qual não há desejos não realizados, no qual ele existiu dentro do ventre materno. (1920 p. 73)

Seria empobrecedor reduzir o pensamento de Freud a esse desejo de retorno ao seio materno. Ao aceitar a sugestão dessa militante do Partido Trabalhista que havia recebido uma formação de historiadora, nosso psicanalista poderia estar indo muito mais longe. Com efeito, o “nirvana” já era conhecido de Freud e tinha um alcance muito maior do que se pode imaginar à primeira vista.

Se levarmos em conta um documento recente⁷ (Goetz 1959) – publicado originalmente em alemão em 1956 –, Freud, por volta de 1904-5, teria aceitado receber um jovem literato em plena crise: Bruno Goetz. Recebeu-o por duas vezes, ouvindo-o com uma apaixonante intensidade e dizendo-lhe com firmeza que uma psicanálise não lhe seria necessária, pois o caminho que seguia na literatura lhe bastaria. Medicou-o das lancinantes dores de cabeça, interpretando-as de modo fulminante. E, em dado momento da conversa, dando-se conta do interesse do jovem poeta pelo Oriente, interpelou-o de modo decisivo:

La Bhagavad-Gita est un poème grandiose, très profond, afirma Freud, et c'est un abîme terrifiant. “Et sous mes pas l'abîme ouvrait encore des ténèbres purpurines”, dit le Plongeur de Schiller, qui ne revient plus de sa deuxième aventure. Car si vous vous enfoncez dans le monde de la Bhagavad-Gita sans le secours d'un esprit très pénétrant, là où rien ne paraît être ferme et où tout se dissout l'un dans l'autre, vous vous trouverez soudain devant le néant. Savez-vous ce que cela veut dire, être devant le néant? Savez-vous ce que cela veut dire? Et pourtant ce néant n'est qu'une méprise européenne : le Nirvana indien n'est pas le néant mais l'au-delà de tous les contraires. Ce n'est nullement un divertissement voluptueux comme on l'admet si volontiers en Europe, mais une vue dernière, surhumaine, une vue qu'on imagine à peine, glacée où tout est résumé. Or quand on ne le comprend pas, c'est le délire. Ah, ces rêveurs européens! que savent-ils de la profondeur orientale? Ils divaguent (delirieren), ils ne savent rien. Et ils s'étonnent alors, quand ils perdent la tête et qu'ils en deviennent fous – littéralement fous, in-sen-sis! (Goetz 1959, p. 7; versão da Internet)⁸

⁷ O texto pode ser obtido em <http://www.psychanalyse.lu/articles/GoetzSouvenirs.htm>. Ele me foi indicado por Vincenzo Di Matteo, o qual me prestou esse inestimável favor com sua valiosa contribuição.

⁸ “O Bhagavad-Gita é um poema grandioso, muito profundo, afirmou Freud, e é um abismo terrificante. ‘E sob meus passos ainda se abria o abismo de trevas purpúreas’, disse o Mergulhador de Schiller, não conseguindo mais voltar de sua segunda aven-

Esse texto impressiona por inúmeras razões. Uma das mais importantes é o fato de Freud, em 1904, afirmar que a concepção que têm os europeus do Nirvana não passar de um equívoco (*meprise*). Não se trata, segundo o analista, de modo algum, nem de um nada (com pensava Nietzsche) nem, tampouco, de um divertimento cheio de volúpia como poderia ser a volta ao seio materno. Os europeus deliram. Ora, hoje sabemos um pouco melhor que delírio é esse. E é aqui que pode intervir de forma decisiva o conceito de ideologia de que falamos no início. Foi um delírio no qual o imaginário europeu fabricou, com seus medos (como, por exemplo, o medo do espectro do comunismo e do anarquismo), o mito do culto do nada com o qual identificava o budismo e, conseqüentemente, o nirvana. O que é que eles sabem da “profundidade oriental”? Como veremos daqui a pouco, será nessa “profundidade” que Freud irá se esforçar, para penetrar mais tarde, pedindo a ajuda de Romand Rolland.

Poderia ser forçar demasiadamente o texto reproduzido pelo jovem literato afirmar que Freud poderia estar se referindo à loucura de Nietzsche quando fala em delírio. Seja lá como for, se aceitarmos a autenticidade dessas palavras atribuídas a Freud por Goetz, o Nirvana seria, positivamente, *algo além de todos os contrários*. Ora, não é exatamente isso o que se poderia buscar ao chocar-se com a contrariedade entre vida e morte? A metapsicologia deveria poder traduzir a metafísica – ou seja, essa teoria européia, ocidental, fundada no ser supremo. E o Nirvana, afirma Freud,

tura. Porque se você se aprofunda no mundo do Bhagavad-Gita sem a ajuda de um espírito muito penetrante, ali onde nada parece firme e onde tudo se dissolve um no outro, você encontrar-se-á de repente diante do nada. Você sabe o que isso quer dizer, estar diante do nada? Você sabe o que isso quer dizer? E, no entanto, esse nada não passa de um equívoco europeu: o Nirvana Hindu não é o nada, mas o além de todos os contrários. Não é de modo algum um voluptuoso divertimento como tão freqüentemente se admite na Europa, mas uma visão última, sobre-humana, uma visão que apenas imaginamos, congelada, na qual tudo se resume. Ora, quando não o compreendemos, é o delírio. Ah, estes sonhadores europeus! O que é que sabem da profundeza oriental? Eles divagam (*delirieren*), eles não sabem de nada. E então eles se espantam quando perdem a cabeça e se tornam loucos – literalmente loucos, *in-sen-sis!*”.

é essa visão última, sobre-humana (a metafísica, para Freud, é humana; ela não passa de uma projeção humana que seria preciso interpretar), *uma visão que a gente mal pode imaginar*, continua Freud, *congelada ali onde tudo se resume*. Deveríamos considerar o budismo uma metafísica oriental ou, quem sabe, trata-se de descobrir um mundo sem metafísica que se soube se abrir de modo alternativo ao ser?

A transferência Romain Rolland

Retomemos nosso fio condutor. O encontro entre uma filosofia materialista aleatória e a psicanálise pode sublinhar, nesta última, seu aspecto que tangencia a filosofia – a metapsicologia que se propõe traduzir a metafísica, ou seja, criticá-la. A produção de tal teoria se faz no espaço pleno da transferência e seus conceitos são modalidades de um trabalho para resolvê-la. Foi assim que a psicanálise começou com a relação Freud-Fliess. Indo ao ponto, embora o conceito de princípio de Nirvana tenha surgido antes do decisivo encontro entre Freud e Romain Rolland, que se deu em 1924, o seu campo de ação se encontra na transferência entre o psicanalista e o literato francês, cujos estudos apenas começam a surgir. Em substância, o argumento repousa no fato de o termo originar-se na tradição oriental e Rolland, ao lado de Schopenhauer, que é denegado por Freud, ser o sujeito suposto saber sobre aquela dimensão. Mas vamos por partes e com mais vagar.

Freud e o misticismo

Talvez ainda não se tenha chamado suficientemente a atenção para algo importante: a descoberta de Freud, ou seja, o inconsciente, do seu princípio ao seu desfecho, deu-se por um confronto com certo misticismo. Sabemos que tudo começou com a tensa e produtiva relação entre Freud e as teorias um tanto misteriosas de Fliess, cujo componente místico

não é segredo para ninguém. Após seu desfecho, surge uma nova ameaça mística contra a qual Freud se debate: Jung. Conforme me referi antes, a importância de Fechner, reconhecida como decisiva por Freud, introduz no cenário ainda um místico, uma vez que a crise existencial vivida por esse médico alemão foi de fundo esotérico. A fórmula encontrada por Freud, um ano antes de sua morte, para definir mística é pelo menos ambígua: “Mística”, escreve, “é a obscura autopercepção do reino exterior ao Eu, do Isso” (1938, p. 152). Nesse sentido, trata-se quase de afirmar que o descobrimento da psicanálise – o inconsciente – é um descobrimento do místico.

A relação Freud-Rolland fecha um itinerário

O francês Paul-Emile Edme Romain Rolland (1866-1944) faz parte da história da psicanálise e nos interessa sob vários pontos de vista. Sobre tudo sua estatura moral e decididas posições políticas irão contrabalançar o pessimismo schopenhauriano de Freud com um otimismo revolucionário. Recebe o prêmio Nobel de Literatura em 1916, luta para que Freud também seja agraciado com ele e recusa o prêmio Goethe – prêmio recebido por Freud por se opor resolutamente à chegada dos nazistas ao poder.

R. Rolland pode ser visto como um místico sem Deus. Ele confessa ter vivido várias iluminações: um clarão no terraço de Ferney graças ao qual, aos 16 anos, funde-se com a natureza, o clarão tolstoiano, na noite no túnel, passando pelo mais importante, o clarão de Espinoza, surgido em sua mesa de trabalho na rua d’Ulm.

Os últimos anos da vida de Freud, em que essa reviravolta se deu, foram marcados por uma forte e inequívoca transferência em direção a esse homem, pensador que soube voltar-se para o Oriente em busca de saída e inspiração. Os textos capitais escritos nesse período – *O mal-estar na civilização*, que é considerado por Lacan sua obra capital, e *O futuro de*

uma ilusão – foram produzidos no horizonte dessa transferência. Transferência assumida e confessada por Freud: “Eu quase nunca senti como com você essa misteriosa atração de um ser em direção a um outro”, escreve em maio de 1931, ou, ainda, segundo o testemunho de Zweig: “quando pronunciei seu nome, seu rosto iluminou-se”. Freud idealiza Rolland, “um dos 12 homens sobre os quais repousa o destino do mundo”,⁹ chegando até a alucinar sua presença: “*Quand je suis seul dans mon cabinet de travail, je pense suivant a l’heure dont vous avez fait present ici, à moi et à ma fille, et ma fantasie remplace votre silhouette dans la chaise rouge qu’on vient d’avancer*”.¹⁰

Com Romain Rolland, deslocando-se da constância ao Nirvana, Freud pôde buscar apoio em um novo campo para fundamentar sua empresa. O fato de Einstein ter votado contra ele quando da proposta ao prêmio Nobel pode ser um indício das reservas que o gênio da Física fazia à física implicada na teorização do psicanalista. Como vimos, o recurso à física, à psicofísica e os empréstimos da termodinâmica mostraram seus limites. Ele procura, então, saber onde estariam plantadas suas raízes. Eis um texto que pode servir-nos de apoio:

Guiado pelo senhor tento, agora, penetrar a selva indiana da qual me mantiveram afastado uma incerta combinação de amor helênico pela proporção, sobriedade judaica e temor filisteu. Na verdade, eu já devia ter me aventurado nela antes, pois os produtos desse solo não deveriam me ser estranhos: escavei até uma certa profundidade, buscando suas raízes. Mas não é fácil ultrapassar seus próprios limites.¹¹

⁹ Citado em Mijolla 2002, DIP2, p. 1704.

¹⁰ Vermorel 1993, p. 255. “Quando estou sozinho em meu gabinete de trabalho, penso freqüentemente na hora em que o senhor se fez presente aqui, para mim e para minha filha, e minha fantasia repõe sua silhueta na cadeira vermelha que lhe foi oferecida”.

¹¹ Ver a correspondência de 19 de janeiro de 1930, de Freud a Romain Roland (Freud 1873-1939a, pp. 428-9). A tradução é de minha responsabilidade (wje), feita com base na edição francesa.

Sentimento oceânico e princípio de Nirvana

Para o que aqui nos interessa, três textos fundamentais devem ser considerados: *O futuro de uma ilusão* (1927), que resultou no *Liluli* de Romain Rolland, o *Mal estar na civilização* (1930), cujo primeiro capítulo é inteiramente dedicado ao escritor, e *Um distúrbio de memória na Acrópole* (1936), que é uma carta aberta a Rolland. E devemos dizer que todos eles foram escritos no interior da inequívoca e forte transferência de Freud em direção a R. Rolland – transferência que se fez por cartas e obras.

Tomemos como fio condutor o tema do *sentimento oceânico*, ao qual se refere Romain Rolland. Cabe perguntar se os leitores de Freud levaram suficientemente a sério essa interpelação do escritor. A carta que ele endereça a Freud, em dezembro de 1927, tratando desse tema, mereceria ser lida. Não se trata de religião:

Entendo por sensação religiosa – independente de todo dogma, de todo credo, de toda organização da Igreja, de todo Livro Santo, de toda esperança numa sobrevivência pessoal, etc. – o fato simples e direto da sensação de “o eterno” (que pode muito bem não ser eterno, mas simplesmente sem limites perceptíveis, e como oceânico). (Vermorel 1993, p. 305)

Antes de qualquer coisa, trata-se de uma bela metáfora que coloca um problema central da filosofia, qual seja, não apenas uma forte intuição do ser, mas, sobretudo, uma forma de colocar a questão da transcendência no sentido da sensação do eterno, do sem limites perceptíveis. Nessa metáfora, Rolland retoma algo que é comum entre ele e Freud, ou seja, a referência ao panteísmo de Espinoza, associando-o ao pensamento místico da Índia, com o qual se familiarizara e no qual se encontra a terra natal do Nirvana.

É em torno desse tema que se desenvolve a transferência e o trabalho sobre ela que foi feito por Freud, tanto em suas cartas quanto em suas obras finais. E não é sem interesse observar o quanto a metáfora do oceano e do sentimento oceânico aponta para algo fundamental em

psicanálise: a origem e o retorno ao seio materno. Em todo o primeiro capítulo de *O mal-estar na civilização*, Freud trabalha esse tema, negando que o sinta atualmente e, em última análise, ligando-o à experiência de satisfação. Seja como for, a interpelação, feita por Rolland com o seu “sentimento oceânico”, dá trabalho a Freud.

Finalmente, para terminar essas indicações, consideremos o pequeno texto de 1936, *Um distúrbio de memória na Acrópole* (*Eine Erinnerungsstörung auf der Akropolis*): é uma peça preciosa. Nesse texto, quando Freud escreve “*la coline de l’acropole d’Athènes, parmi les ruines des temples, le regard tourné vers la mer bleu*”,¹² é impossível não lembrar o sentimento oceânico de Rolland, que foi o interlocutor imaginário de *O mal-estar na civilização*. Quando Freud se dá conta de que, na Acrópole, teve um “distúrbio de memória” – aquilo não poderia ser real... –, é difícil não associar esse fenômeno a um outro, que esteve no nascimento da psicanálise, o desmaio de Freud ao ver que Fliess esquecera na paciente operada um cilindro iodado de gaze.

O sentimento oceânico foi, de algum modo, o horizonte transfereencial do último Freud, o qual, como sabemos, enfrenta seu conceito limite, o de pulsão de morte, forjado na herança de Espinoza, Schopenhauer, Nietzsche e outros. Há no homem, em todos os homens, uma hostilidade primária ligada à pulsão de morte. Não é muito difícil entrever o quanto a noção de Nirvana é vizinha do sentimento oceânico. R. Rolland, falando de modo alusivo a Freud, resume, no meu entender, de modo candente, o essencial visado com essa metáfora:

[...] o que desejo, diz o escritor, é Nada... (Nada para mim). Para os outros que possam seus desejos se realizar! Mas eu não aspiro nada mais, para mim, além do repouso – ao apagamento total, ilimitado – já penei o bastante em vida. (Vermorel 1993, p. 349)

¹² “A colina da Acrópole de Atenas, entre as ruínas dos templos, o olhar voltado para o mar azul”.

Segundo alguns, dentre os quais Lacan, trata-se da obra mais importante de Freud. Rolland, em sua correspondência com Zweig, reivindica seu papel e chega a afirmar:

*J'ai regretté un peu que Freud n'ait pas attendu trois mois de plus pour publier cette étude – (comme je l'en avais prié) car il aurait trouvé dans mes volumes indiens, beaucoup de matériaux d'expérience à analyser.*¹³

Vermorel leva a análise de Freud bem longe. Na Acrópole, há uma perturbação da memória assim como houve um desmaio de Freud ao constatar que Fliess havia esquecido um cilindro de gase no nariz de sua paciente. Vermorel afirma que há, entre os dois episódios, um fundo homossexual que perturbava Freud.

Um distúrbio... é uma meditação sobre a morte e a imortalidade

Em suas últimas obras (*O futuro de uma ilusão*, *O mal-estar na civilização*), para dizê-lo numa palavra, Freud se debate com o sentimento oceânico de Romain Rolland que tanto o fascina quanto o apavora. A visão oceânica do absoluto tem uma conotação incestuosa. Faz pensar na busca de um retorno ao repouso eterno, derradeiro, no qual a morte confundir-se-ia com uma volta à Terra mãe num adormecimento fetal originário. Do alto do Partenon, na Acrópole, Freud contempla a imensidão azul-marinho e não pode acreditar que tudo aquilo seja realidade.

A carta aberta a R. Rolland irá encerrar o diálogo entre Freud e o escritor francês, marcando, assim, o fim de uma patente relação transferencial. É uma espécie de fim de análise. Assim como no drama

¹³ Ibid., p. 248. "Achei um pouco uma pena que Freud não tenha esperado mais uns três meses antes de publicar esse estudo – (assim como eu havia lhe pedido) porque ele teria encontrado em meus volumes hindus muito material de experiência para analisar".

do Édipo, antes que o filho tenha matado o pai, é o pai que tenta matar o filho; Freud oferece a Rolland uma interpretação da eventual culpa que poderia surgir pela morte do pai. Rolland é 10 anos mais novo que Freud e recebeu o prêmio que foi recusado ao criador da psicanálise, o Nobel, em 1916. Freud acredita estar colocando a nu pela análise a culpabilidade decorrente do ultrapassamento do pai. E, como no caso do sonho da injeção feita em Irma, ele tem uma perturbação. O inconsciente não conhece o tempo.

Conclusão

O encontro de um materialismo aleatório, filosofia do vazio, com a psicanálise dá frutos. A tese de objetividade do conhecimento – tese para um conhecimento e não tese que produz um conhecimento – assegura à prática teórica da psicanálise, ou seja, à metapsicologia, uma garantia política – política na teoria – que lhe permite assumir-se como uma nova figura de cientificidade distinta da psicofísica ou da biologia, perfeitamente apta a criar seu próprio objeto de conhecimento. Para fazê-lo, a psicanálise dispõe de um dispositivo experimental próprio. A cura analítica, a relação analisante-analista.

Podemos até sonhar em ilustrar esse dispositivo quando olhamos a foto do gabinete de trabalho de Freud. Tudo está ali: um divã e uma poltrona. Em cima do divã, uma foto ilustra um começo. A famosa foto na qual a histérica se debruça nos braços de Charcot. Olhemos com cuidado a foto. Por detrás da famosa poltrona de Freud, o primeiro analista, abaixo da Acrópole, poderemos ver um busto do Buda. O *príncipe* Sidarta Gautama teria abandonado o palácio real em busca de uma resposta para o mesmo problema que preocupava Freud, a dor humana. Ele acredita a ter encontrado no desapego. O *príncipe*, ao assumir o vazio, se transforma em *princípio*, *princípio de Nirvana*. Mas se trataria de um príncipe? As pesquisas

atuais apresentam alternativas. O trabalho de André Barreau¹⁴ fala de uma voz apenas humana, de “um personagem estranhamente vivo, presente, humano”, “voz de um guerreiro pobre nascido numa pequena aldeia no norte da Índia [...] Não de um príncipe riquíssimo, mas um rapaz que foi criado duramente, em lugares rudes” (Pol-Droit 2002, p. 86). Apenas uma voz que nos indicava um caminho para o delivramento da dor, o Nirvana. Ora, a psicanálise, bem o sabemos, reside na redescoberta da fala e da escuta. Ela poderia ter ouvido essa voz. Seja como for, o Buda sorri atrás da poltrona de Freud. Bela imagem.

Referências

- Althusser, Louis 1978: “Elementos de autocrítica”. In: *Posições -1*. Rio de Janeiro, Graal.
- Descartes, René 1953: “Les principes de la philosophie”. In: *Oeuvres et Lettres*. Paris, Pléiade/Gallimard.
- Freud, Sigmund 1873-1939a: *Correspondence 1873-1939*. Paris, Gallimard, 1966.
- ____ 1873-1939b: *Correspondência de amor e outras cartas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- ____ 1895: “L’esquisse d’une psychologie scientifique”. In: *La naissance de la psychanalyse*. Paris, PUF, 1973, pp. 309-96.
- ____ 1901: *La psychopathologie de la vie quotidienne*. Paris, Payot, 1972.
- ____ 1915a: *Das Unbewusste*. G.W. X. Frankfurt/M, Sischer.
- ____ 1915b: “Pulsions et destins des pulsions”. In: *Metapsychologie. Oeuvres completes*. v. XIII. Paris, PUF, 1988.
- ____ 1920: “Au-dela du principe du plaisir”. In: *Essais de psychanalyse*. Paris, Payot, 1972. (Na edição standart brasileira das obras completas de S. Freud, acha-se no v. XVIII.)

¹⁴ Trata-se de um importante e competente orientalista, que publicou inúmeros trabalhos tecnicamente muito bem instrumentados.

- Freud, Sigmund 1924: "Le probleme economique du masochisme".
In: *Névrose, psychose et perversion*. Paris, PUF, 1973.
- ____ 1936: "Um trouble de memoire sur l'Acropole"[Um distúrbio de memória na Acrópole/ Eine Erinnerungsstörung auf der Akropolis].
In: *Résultats, idées, problèmes*. Paris, PUF, 1987.
- ____ 1938: *Ergebnisse, Ideen, Probleme*. G.W. XVII. Frankfurt/M, Sischer.
Tradução francesa: *Résultats, idées, problèmes*. Paris, PUF, 1987.
- Goetz, Bruno 1952: "Erinenerungen an Sigmund Freud". *Neue Schweitzer Rundschau*, maio 1952, Zurich. Tradução francesa de Paul Duquenne: *La psychanalyse*, n. 5. Disponível em: <http://www.psychanalyse.lu/articles/GoetzSouvenirs.htm>
- Jones, Ernest 1953-1957: *Sigmund Freud, Life and Work*. London, Hogarth.
Tradução francesa: *La vie et l'oeuvre de Sigmund Freud*. 3 v. Paris, PUF, 1958-69.
- Kaufmann, André 1996: *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. DEP. Rio de Janeiro, Zahar.
- Low, Barbara 1920: *Psycho-analysis. A brief acount of the freudian Theory*. Londres, Allen & Unwin.
- Mijolla, Alain 2002: *Dicionário internacional da psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago. (Por comodidade DIP1 e DIP2).
- Nancy, Jean-Luc 2005: "Freud et Heidegger". *Le Monde*, 04-11-2005.
- Pol-Droit, Roger 2002: *A companhia dos filósofos*. São Paulo, Martins Fontes.
- Roustang, François 1976: *Un destin si funeste*. Paris, Minuit.
- Vermorel, Henri e Madeleine 1993: *Sigmund Freud et Romain Rolland correspondance 1923-1936*. Paris, PUF.